

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ - FAG
PATRICIA APARECIDA THEINIL BILSKI BRASIL
VERA LUCIA ALVES GODOY

A EMPATIA COMO FERRAMENTA NO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR

CASCADEL

2020

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ - FAG
PATRICIA APARECIDA THEINIL BILSKI BRASIL
VERA LUCIA ALVES GODOY

A EMPATIA COMO FERRAMENTA NO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR

Trabalho apresentado como requisito parcial para conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso: Artigo, do curso de Pedagogia, do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG.

Professora Orientadora: Marilena Lemes Marques Salvati.

CASCADEL

2020

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ - FAG

PATRICIA APARECIDA THEINIL BILSKI BRASIL

VERA LUCIA ALVES GODOY

A EMPATIA COMO FERRAMENTA NO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR

Trabalho apresentado no Curso de Pedagogia, do Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação da Professora Especialista Marilena Lemes Marques Salvati.

BANCA EXAMINADORA

Marilena Lemes Marques Salvati
Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG
Especialista

Jussara Chagas de Lima
Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG
Especialista

Silvana Rodrigues Krefta
Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG
Especialista

Cascavel/PR, 19 de novembro de 2020.

A EMPATIA COMO FERRAMENTA NO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR

BRASIL, Patricia Aparecida Theinil Bilski¹

GODOY, Vera Lúcia Alves²

SALVATI, Marilena Lemes Marques³

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise do conceito da empatia através de pesquisadores no decorrer da história, bem como o desenvolvimento no ser humano, demonstrando como e porque ocorre a empatia, compreendendo os efeitos positivos que esta proporcionará nas relações intrapessoal e interpessoal das pessoas. Paralelamente, o estudo denota a efetivação de políticas educacionais que evidenciam a necessidade de ações empáticas no ambiente escolar para que ocorra um desenvolvimento integral do aluno, propiciando uma formação científica e humana deste. Por fim o estudo encoraja a proeminência de uma prática de relações sociais pautadas através da empatia, cuja ressonância possa estabelecer pontes para além dos ambientes escolares, familiares e sociais. Assim sendo, a pesquisa adotou uma metodologia de cunho bibliográfico através dos autores Galvão, entre outros.

Palavras-chave: Empatia. Professor. Aprendizado.

ABSTRACT

This article presents an analysis of the concept of empathy through researchers in the course of history, as well as development in the human being, demonstrating how and why empathy occurs, understanding the positive effects it will bring on people's intrapersonal and interpersonal relationships. At the same time, the study denotes the effectiveness of educational policies that highlight the need for empathetic actions in the school environment in order for an integral development of the student to occur, enabling a scientific and human formation of this. Finally, the study encourages the prominence of a practice of social relations guided by empathy, whose resonance can establish bridges beyond school, family and social environments. Thus, the research adopted a methodology of bibliography through the authors Galvão, among others.

Keywords: Empathy. Teacher. Learning.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo compreender a empatia e a sua importância para o ser humano, respondendo assim a requisitos do Pré-projeto. Deste modo, a pesquisa vai dispor de autores que trarão o conceito da empatia, bem como seus efeitos as relações do ser humano.

¹Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG. E-mail: patiibrasil@gmail.com.

²Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG. E-mail: veraalvesgodoy@gmail.com.

³Professora Orientadora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG. E-mail: marilenasalvati@hotmail.com.

Os objetivos impostos no projeto foram conceituar o que é a empatia, descrever a função da empatia intrapessoal e interpessoal, identificar os déficits que acarretam a falta da empatia em sala. O artigo realizado se fez através de uma pesquisa bibliográfica, na qual se utilizou uma metodologia teórica descritiva.

Nesse sentido, de acordo com Falcone (1999) a ideia de empatia foi encontrada no vocabulário grego e com o tempo se tornou alvo de diversos estudos, para entender e compreender sobre a inteligência emocional do ser humano e a sua relevância nas interações sociais.

Dessa forma, de acordo com Sampaio et al. (2009), no início do século XIX, a ideia da empatia como uma característica pela qual alguém identifica o que está na consciência de outra pessoa. Já no século XX, até a metade da década de 40, o conceito de empatia foi objeto de reflexão teórica de autores como Freud, Allport e Reik. Entretanto foi só no início da década de 50 que a empatia passou a ser investigada com maior aprofundamento e aplicada na prática psicoterapêutica por Carl Rogers.

Assim, sendo a empatia uma habilidade de comunicação, que inclui um componente cognitivo, um componente afetivo e um componente comportamental, nota-se a importância que este trabalho tem tanto no meio acadêmico como profissional, uma vez que é evidente a necessidade de debate acerca do tema no sentido de que a empatia pode gerar efeitos positivos na sociedade e com isso se vê a necessidade de se estudar, pesquisar, demonstrar a sua praticidade no cotidiano do ser humano.

Tem-se como objetivo geral discutir sobre a ideia gerada a partir do termo empatia. E, como objetivos específicos analisar a evolução da empatia, identificar a empatia como forma de interação social e, compreender a importância da empatia para o ser humano.

O presente estudo visa responder a seguinte indagação: A empatia nasce com o ser humano ou é desenvolvida por ele? Nesse sentido, no desenvolvimento da obra foi levada em consideração como hipótese o fato de que a empatia é desenvolvida pelo ser humano uma vez que ele se torna apático se não vivenciar essa prática em seus meios sociais. Nesse diapasão, tem-se a empatia como objeto de estudo. Sendo importante destacar que, para o desenvolvimento da obra, a pesquisa foi estruturada em três partes. Na primeira parte foram os aspectos gerais da empatia, na segunda, cuidou-se do estudo sobre a maneira de se tornar um ser humano empático e na terceira foram demonstrados exemplos reais aplicados em sala de aula que promovem a empatia, com pais, alunos e professores.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A ETIMOLOGIA DA EMPATIA E SUA RELEVÂNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

A ideia de empatia surge com o conceito de “sentir com” é encontrada em escritas gregas de seu vocabulário, assim como explica Galvão (2010, p. 73 apud PIGMAN, 1995) “a experiência do “sentir com” (tradução do alemão *Einfühlung*) já aparecia designada pelos gregos em seu vocabulário *empathia*, indicando [...] estar dentro, estar presente, viver com e como o outro o seu *pathos*, paixão, sofrimento, doença”.

Gradualmente, a empatia começa a surgir em diversos estudos no decorrer do tempo, para que se possa entender e compreender sobre a inteligência emocional do ser humano e a sua relevância nas interações sociais. Conforme traz o Dicionário Aurélio (2011, p. 354) empatia significa “a capacidade de pensar igual a uma pessoa, ou de modo semelhante ao dela, e assim poder compreendê-la”. Silveira Bueno (2007, p. 281) em seu Dicionário cita como conceito de empatia “sentimento de identificação entre duas pessoas”. Para Formiga (2012, p. 2) apud Eisenberg e Miller (1987), “psicologicamente, pode ser considerada como uma experiência indireta de uma emoção próxima à emoção vivida por outra pessoa”, em outras palavras, a empatia é o sentimento de se colocar no lugar do outro, não com os seus olhos, mas com os olhos de quem viveu a experiência.

Galvão (2010, p. 73), salienta que a empatia foi estudada por diversas áreas como a psicologia da personalidade, psicologia social, do desenvolvimento sócio cognitivo, da perspectiva evolutiva e pela neurociência. A autora comenta que a empatia é estudada por Carl Rogers na área da psicologia, surgindo em estudos na década de 1950, em que ele se aprofunda nesse conceito e completa que a empatia “não devia ser vista como um estado, e sim como um processo”, completando que a empatia ela pode ser treinada no indivíduo, tanto na sua vivência de mundo, quanto no seu desenvolvimento cognitivo.

Como salienta Brolezzi (2014, p. 157), Vygostky estudava a empatia e a cada vez que aprofundava suas pesquisas descobria que a empatia era algo mais profundo e mais substancial para o ser humano e suas relações. Ele compreende a empatia como o elemento do sentir, do profundo, aquele sentimento que surge em nós mediante algo que aconteceu ao outro, dizendo que:

[...] a reação estética lembra o ato de tocar piano: é como se cada componente da obra de arte tocasse a respectiva tecla sensorial em nosso organismo, recebendo como resposta um som ou tom sensorial, e toda reação estética fosse constituída de impressões emocionais que surgem como resposta aos toques nas teclas. [...] Não

passa de uma tecla. O importante é a reação estética que suscita em nós (BROLEZZI, 2014, p. 157 apud, VYGOTSKY, 1999, p. 262).

É notório que ao passar dos anos pesquisadores se aprofundaram e ressignificaram o conceito de empatia, porém, nunca se perdeu a característica do olhar ao outro, com respeito e afeição, verificando que estudos recentes possuem a mesma concepção do século passado. Formiga (2012, p. 9) disserta que “independente das concepções teóricas e áreas em o construto, empatia vem sendo aplicado algo importante pode ser destacado: a preocupação e inclusão com outro em seu sofrimento psíquico e social”, corroborando assim, com tantos outros autores que salientam a relevância da empatia ao ser humano.

Goleman (2011) em seu livro ‘Inteligência social’, expressa que “a capacidade de pôr de lado nosso foco e impulsos autocêntricos tem vantagens sociais: abre caminho para a empatia, para ouvir de fato, para adotar a perspectiva de outra pessoa”, assim quando deixamos de pensar somente da nossa ótica, temos maior interação com o outro, melhorando nossa qualidade de vida social. Já em seu livro ‘Inteligência Emocional’ o autor ainda discorre no capítulo “Como se desenvolve a empatia”, sobre esse sentimento estar presente em bebês mesmo antes de desenvolverem percepções de sua individualidade.

Psicólogos do desenvolvimento infantil descobriram que os bebês são solidários diante da angústia de outrem, mesmo antes de adquirirem a percepção de sua individualidade. Mesmo poucos meses após o nascimento, os bebês reagem a uma perturbação sentida por aqueles que estão em torno deles, como se esse incômodo estivesse acontecendo neles próprios, chorando ao verem que outra criança está chorando (GOLEMAN, 2005, p. 135).

Compreendendo assim a existência da empatia e suas contribuições intrapessoais e interpessoais, observa-se que este conceito está cada vez mais presente em Políticas Públicas nos seus documentos governamentais, tendo como objetivo a propagação da empatia nas relações educacionais. Nas diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013, p. 115) o documento orienta que se propicie o desenvolvimento da “empatia e respeito pelo outro, pelo que é diferente de nós, pelos alunos na sua diversidade étnica, regional, social, individual e grupal”, para que assim, no ambiente escolar, onde há inúmeras diversidades, se propague atitudes de respeito ao próximo e assim a melhoria nas relações sociais.

O Referencial Curricular do Paraná apresenta como “Direitos de aprendizagem Gerais da Educação Básica” dez competências que deverão ser promovidas através de ações pedagógicas pela equipe escolar e desenvolvidas de maneira articulada as disciplinas

científicas. Essas Competências são dispostas na BNCC, documento este que é orientador na formulação do Currículo do Paraná.

Mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BRASIL, 2017, p. 09).

Essas competências irão promover competências e habilidades que os alunos precisam saber para o seu desenvolvimento integral, para que esses possam dar conta do seu dia a dia, respeitando os princípios universais como, ética, direitos humanos, justiça social e sustentabilidade ambiental, promovendo não só o desenvolvimento intelectual do aluno, mas também o social, o físico, emocional e o cultural, compreendidos como dimensões fundamentais para a perspectiva de uma educação de formação integral do aluno. Em sua 9ª competência A BNCC apresenta que:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2017, p. 10).

Esta competência promove a empatia, sendo assim, deve-se estar aplicando ações que promovam o desenvolvimento ou aperfeiçoamento desse sentimento nos alunos para que estes possam viver melhor em sociedade, respeitando o outro e suas peculiaridades e também os sentimentos e vivências que cada ser humano passa ao longo de sua vida.

Compreende-se que a empatia está cada vez mais presente na nossa sociedade, em todas as suas relações, visto que se faz presente até mesmo em documentos orientadores da Educação Básica do Brasil, não podendo assim, ser ignorada por todos que fazem parte desse meio. Brolezzi (2014, p. 141) confabula que “para Vygotsky a empatia representava uma ampliação da realidade por meio da leitura de romances, por exemplo, ela pode servir para ampliar o nível de desenvolvimento dos alunos, em uma perspectiva dialógica”, assim observa-se que os estudos de pesquisadores do passado vêm trazendo sua influência e fazendo a diferença nas mudanças do presente.

Apesar de diversos pesquisadores estudarem o conceito de empatia ao longo do tempo, somente no último século que ela começa a ganhar o seu devido mérito principalmente nas relações escolares. Neste pensamento, podemos compreender a importância da empatia nas relações aluno, professor e aprendiz? O olhar atento do professor para com seu aluno é de

em suma importância, e Zanardo (2017, p. 10) discorre que o professor observa seus alunos, verificando se algum precisa de sua atenção, e que o mesmo não pode só aplicar conhecimentos linguísticos ou matemáticos, mas também de se colocar no lugar do aluno, para que assim ele possa entender esse ser humano na sua totalidade, compreendendo que esse indivíduo deve estar bem para que o aprendizado ocorra de maneira satisfatória.

Entendemos como prática empática um gesto do professor estar atento aos seus alunos e aos acontecimentos em seu entorno, para dar continuidade ou início a sua aula, pois o aluno ser pertencente ao momento da aprendizagem é algo que acontece na maioria das vezes, mas ele sentir-se atuante na vida escolar do professor e dos seus colegas é algo que ainda não encontramos comumente (ZANARDO, 2017, p. 10).

Ainda há as características pessoais, culturais e da realidade social que cada aluno irá trazer para escola sendo um fator influente na sua aprendizagem. Zanardo (2017, p. 22) comenta que esses fatores “influenciam diretamente na sua relação pedagógica, com o conhecimento e, conseqüentemente, no processo ensino-aprendizagem”, sendo mais uma vez a relação empática entre aluno e professor necessária para que as ações pedagógicas promovam a aprendizagem satisfatória.

Gazzotti (2019, p. 15) argumenta sobre o mesmo ponto, a influência que o mundo externo irá refletir no aluno, por isso que o professor deve deixar de lado todas as suas particularidades para que se possa propiciar aos indivíduos o melhor da escola, trazendo-o para perto. A autora comenta que o ambiente escolar é construído a partir das suas próprias peculiaridades, de maneira que “as relações que lá se estabelecem estão sujeitas a influência de elementos sociais, culturais históricos e afetivos que constituem os sujeitos desse meio”.

O ser humano tem a tendência a pensar que sabe o que o outro compreende ou não. Em seu trabalho ‘Empatia na Relação aluno/professor/conhecimento’, Brolezzi (2014 apud NICKERSON et al., 2009, p. 136) salienta que “superestimar o conhecimento de outras pessoas pode produzir expectativas irrealistas e levar-nos a falar por sobre suas cabeças”, essa tendência errônea que o ser humano possui, causa uma situação apática nas relações, pois quando se define o que o outro sabe ou deixa de saber, causa um pré-julgamento sem base concreta.

O efeito disso todo mundo já deve ter sentido, alguma vez na vida, em aulas, livros, filmes, palestras, que pareciam não estar adequadas para nós. Ficamos a ver navios. Uma das causas seria uma empatia deficiente, uma relação em desequilíbrio entre a consideração pelos outros e a consideração por nós mesmos (BROLEZZI, 2014, p. 137).

Essa atitude em sala de aula acarretará em danos ao aluno, pois esse, por qualquer que seja a causa, não estará interiorizando o conhecimento que está sendo passado a ele. A atitude empática se torna essencial em sala de aula, não se pode ter o pensamento do óbvio que ou o evidente que, quando nem sempre a realidade o aluno é essa, Brolezzi (2014, p. 137), evidencia que generalizar esse hábito pode acabar escondendo “o fato de que conceitos e ideias não são tão claramente trazidos à tona por quem ouve, quanto por quem está falando, tendo em vista que é ele quem está conduzindo os discursos”.

De modo geral, assim, penso que é preciso humildade intelectual de ambos os lados, para haver comunicação pedagógica. Isso traduz ao fato de que, para haver empatia, é preciso haver certa sintonia, certa sincronia mesmo entre as pessoas. E a postura dos professores, que pretendem realmente ensinar algo, não precisa ser muito performática para dar certo. Basta, em geral, colocar-se diante dos alunos de mente aberta e deixar-se conhecer por eles (BROLEZZI, 2014, p. 138).

O desenvolvimento do aluno deve-se primordialmente das ações que o professor irá promover em suas aulas, o seu olhar quanto a situações e comportamentos, e a resposta que ele irá propiciar perante a isso. Zanardo (2017, p. 36) confabula que “o professor ao adaptar-se à natureza de seu aluno, ele estará participando de forma empática do desenvolvimento do discente”.

Para haver a aprendizagem significativa ao aluno o professor faz o olhar empático perante as situações e promove metodologias voltadas para a resolução dos conflitos, propiciando ao indivíduo ações pedagógicas coerentes com as necessidades do mesmo.

O desenvolvimento da aprendizagem é conduzido pelos envolvidos em seus diferentes contextos. Devemos observar que o aluno leva para a sala de aula suas experiências emocionais. Caso o professor não disponha em atender as necessidades do aluno, quer dizer, refletir sobre sua metodologia a partir do que o aluno traz para, assim, conduzir sua prática pedagógica, logo não decorrerá uma aprendizagem significativa (ZANARDO, 2017, p. 37).

Embora a empatia seja um sentimento intrapessoal, ela interfere nas relações sociais que os seres humanos vivenciam o tempo todo, nesse sentido, no ambiente escolar a empatia se torna indispensável para que se alcance o objetivo principal e indispensável, o aprendizado do aluno. Adjunto a isso, Brolezzi (2014, p. 142) evidencia em seus estudos que a empatia “seria uma forma de se conceber a interação entre aluno, professor e conhecimento como uma relação construída socialmente, uma janela para acessar a realidade ampliada de conhecimentos do mundo lá fora”.

Zanardo (2017, p. 36-37) complementa que o desenvolvimento de cada aluno é diferente, “cada um possui suas especificidades e traz consigo toda sua realidade de mundo, e no ambiente escolar, é de competência do professor estar atento aos comportamentos e as mudanças destes, promovendo ações quando necessário”.

A aprendizagem do aluno é de competência do professor, ele deve ter a consciência de que o aluno irá trazer todas as experiências emocionais consigo para a sala e que isso afetará positiva ou negativamente na sua aprendizagem. Ele precisa ter esse olhar e adequar suas metodologias quando necessário para que o aluno possa ter condições apropriadas para garantir sua aprendizagem. Zanardo (2017, p. 37) salienta que “caso o professor não disponha em atender às necessidades do aluno, quer dizer, refletir sobre sua metodologia a partir do que o aluno traz para, assim, conduzir sua prática pedagógica, logo não decorrerá uma aprendizagem significativa”.

Esses e tantos outros estudiosos discorrem sobre a importância da empatia para o ser humano em sua vida tanto pessoal quando social e a relevância dela no ambiente escolar para a aprendizagem do aluno. Paralelamente, observa-se no cotidiano que os seres humanos estão apáticos e indiferentes quanto ao outro. Visto isso, será que conseguimos compreender o porquê os seres humanos se tornam apáticos?

2.2 A SINGULARIDADE DA EMPATIA NO HUMANO

O trajeto da humanidade tornou o ser humano pensando em si, nas suas necessidades e de seus familiares, esquecendo-se da vida social que os rodeia. Enriquez (2006) em seu trabalho ‘O homem do Século XXI: sujeito autônomo ou indivíduo descartável’, possibilita um aprofundamento da história da humanidade e uma possível causa para a apatia humana, fazendo nos pensar sobre repensar sobre os acontecimentos da humanidade e o reflexo na atualidade. O autor ainda destaca que:

Veem-se cada vez mais pessoas que se voltam à sua própria identidade, que cuidam apenas de “si”, de sua vida privada, de seus investimentos cotidianos, de sua família. O homem, então, não se sente mais fazendo parte de uma espécie humana e não participa mais do trabalho da civilização. Considera os outros apenas obstáculos ou objetos de prazer (ENRIQUEZ, 2006, p. 9).

Analisando a fala do autor entende-se que o ser humano está se posicionando no “eu” e deixando de lado o “nós”. Esse posicionamento da sociedade faz com que cada um que pensa somente em si e nos seus, acaba não olhando para o lado, assim não consegue enxergar

todo o resto, esquecendo que vivemos em sociedade e que isso requer a empatia com o outro. Enriquez (2006, p.9) complementa dizendo que “se reconhecer como sujeito é essencial, ver-se apenas como um indivíduo indiferente aos outros e ocupado apenas com suas próprias preocupações é simplesmente mortífero”.

Alguns pesquisadores salientam que a empatia é algo que está presente na vida do ser humano desde os primeiros meses da sua vida, como Goleman (2011) que cita sobre esse comportamento que é aparente em bebês. Moitoso e Casagrande (2017, p. 211) discorrem que o Psiquiatra infantil Hubert Montagner em seu livro: ‘A Criança Ator do seu Desenvolvimento’, estuda profundamente a primeira infância do ser humano, e assim discorre que:

Ademais, trata-se de uma característica, competência ou capacidade presente em seres humanos desde o início da existência, quando a criança, nos primeiros meses de vida, demonstra a habilidade para expressar sinais emocionais que são importantes à própria sobrevivência e também para responder aos sinais emitidos por outros (MOITOSO e CASAGRANDE, 2017, p. 211, apud MONTAGNER, 1996).

Então, por ser algo que é inato ao ser humano, por que em algum momento isso se perde no ser humano e ele passa a não usufruir desse sentimento que nele habita? Moitoso e Casagrande (2017, p. 219) discorrem que o ser humano, a partir dos primeiros dias de vida poderá “formar ou desenvolver a empatia, a solidariedade e outros elementos da moralidade humana, mesmo que os seres humanos já possuam, desde o nascimento, certas capacidades ou comportamentos pró-sociais”. Ou seja, a educação formal ou informal que esse indivíduo irá receber do ambiente familiar, escolar e social terá influência no seu processo de aprendizagem, moldando características, salientando algumas e/ou limitando outras.

A criança então acaba tendo sua construção emocional através dos diferentes ambientes que vivencia, como salienta Ferreira (2012, p. 17) “nas instituições e/ou nas práticas sociais onde a infância é socialmente construída pelas próprias crianças e adultos, nas experiências quotidianas onde elas se inserem”, sendo assim, todos os contextos vão propiciar a essa criança aprendizagens. Um dos diversos fatores que poderá influenciar o desenvolvimento emocional da criança é a relação de vínculo afetivo que a criança necessita com seus pais. O bebê ao nascer necessita dos pais para sua sobrevivência e com o tempo aprende a espelhar tudo que o que vivenciar, sendo assim as ações e reações que os pais terão mediante situações do cotidiano irá inspirar comportamentos nos filhos. O fortalecimento do

desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança depende também da continuidade dos cuidados afetivos.

Moitoso e Casagrande (2017, p. 220), explicita essa relação estreita que ocorre no vínculo familiar discorrendo que “um fator que influencia o desenvolvimento emocional das crianças desde o nascimento, que é o estabelecimento de apego e vínculo afetivo na relação entre pais e filhos”. Os autores discorrem que os indivíduos estão favoráveis desde o seu nascimento a “captar e a responder a sinais sócioemocionais, comportamentos que promovem a vinculação afetiva com os adultos, despertando atenção e cuidados”, sendo assim, ele irá “aprender” a viver nesse ambiente, conforme suas características e irá desenvolver comportamentos para receber suas necessidades de vida.

Complementando isso, Lejarraga (2008, p. 90) em ‘Os afetos em Winnicott’, faz um profundo estudo sobre a afetividade no desenvolvimento do ser humano, e perante a isso a autora confabula que os afetos maternos podem propiciar condições favoráveis para que o indivíduo possa desenvolver suas potencialidades inatas, se apropriando de todos os espaços, citando assim:

Se os cuidados maternos forem suficientemente bons, o bebê desenvolve suas potencialidades inatas para se integrar no tempo e no espaço, para alojar a psique no corpo e para construir um contato com a realidade, estabelecendo-se uma continuidade de ser (LEJARRAGA, 2008, p. 90 apud WINNICOTT, 1960 p. 53).

Posto isso, a família por ser o primeiro seio social que o bebê vivencia e por exercer um papel muito significativo na sobrevivência, essa terá sua maior parcela de influência no desenvolvimento do indivíduo. As relações de afeto entre filho e pais exercerá seu papel de influência que motivará comportamentos posteriores, sejam eles bons ou ruins. Justo, Carvalho e Kristensen (2017, p. 517) apontam quanto aos comportamentos dos pais e seus reflexos.

[...] práticas parentais que promovem o desenvolvimento de empatia, como: relação de carinho, elogios, expressão moderada de emoção e estratégias positivas para lidar com o sofrimento do filho (focar-se na emoção ou no problema e estímulo para a criança expressar seus sentimentos). Ao considerar estas práticas como um todo, elas sugerem um ambiente acolhedor para verbalização de sentimentos e de suporte para resolução de problemas que, por sua vez, desenvolvem o conhecimento sobre as emoções e a capacidade de colocar-se no lugar de outro (JUSTO, CARVALHO e KRISTENSEN, 2017, p. 517).

Compreende-se então, que para o ser humano conseguir praticar a empatia no decorrer da sua vida, ele deve desde os primeiros meses de vida receber afeto em todas as suas relações

de vivência, seja ela familiar, escolar ou social, caso contrário terá dificuldades de expressar esse sentimento em suas relações sociais no decorrer da vida como explica Moitoso e Casagrande (2017, p. 221):

[...] deve a empatia ser promovida durante a infância, nos mais variados contextos, iniciando-se pela família, especialmente por meio das condutas parentais, estendendo-se à família extensa, à escola e à comunidade como um todo. Isso porque não basta o aparelho psíquico da criança ser, ao que tudo indica, equipado naturalmente com a capacidade de colocar-se no lugar do outro e compreender suas sensações; é preciso que o meio externo responda positivamente a tal predisposição, reforçando-a (MOITOSO e CASAGRANDE, 2017, p. 221).

Para Lejarraga (2008, p.92) “mesmo o bebê não tendo os seus sentimentos nomeados”, ele sente todas as sensações que o mundo externo irá proporcionar, propiciando que assim ele confie ou não no mundo em que vive, comentando então que “não existem ainda, para o bebê, afetos enquanto sentimentos, que possam ser nomeados, ou o que se entende como capacidade afetiva, que só vai se desenvolver na dependência relativa. Entretanto, o bebê sente”, ou seja, ele não precisa compreender cognitivamente o que acontece com ele, pois ele capta e interioriza tudo que ocorre em seu entorno.

Brolezzi (2014, p.127) comenta que a “empatia então se torna uma porta de acesso ao universo exterior e os conhecimentos que transcendem o sujeito, em uma espécie de oposição ao egocentrismo cognitivo”, analisando assim, a importância do afeto para o desenvolvimento das potencialidades humana, para se formar o ser humano na sua totalidade, apto ao bom convívio em todas as suas relações.

O fato é que os seres humanos se tornam apáticos, pois não vivenciam essa prática em seus meios sociais. Um sentimento inato do indivíduo, mas que se não praticado em suas relações acaba por se perder no seu íntimo. Isso poderia explicar então o porquê dos seres humanos muitas vezes não praticarem a empatia, tendo em vista que essa tem que constar em documentos oficiais a partir de Políticas Públicas, para que sua prática seja promovida no ambiente escolar, esse que por muitas vezes é o segundo lar de uma criança e uma das primeiras relações que a mesma vivenciará em sua vida.

2.3 PROJETOS QUE ENALTECEM A EMPATIA

Muito além de saber sobre a empatia algumas pessoas já estão colocando em prática em diversos projetos espalhados pelo Brasil. Um desses projetos é o Escolas

Transformadoras, fundado nos Estados Unidos em 2009, hoje já se espalha por 35 países, inclusive o Brasil em uma parceria do Grupo Ashoka com o Instituto Alana. De 270 escolas parceiras no mundo 21 se encontram aqui, com sua inicialização em setembro de 2015. Após pesquisas minuciosas a escola é convidada a participar do programa onde participam professores universitários, gestores públicos, empreendedores sociais e outros líderes do setor social e jovens transformadores.

O Projeto Escolas Transformadoras acredita que todos são agentes transformadores e buscam essa visão como requisito para a participação no mesmo, compreendendo que o ser humano na perspectiva do desenvolvimento integral, ou seja, razão, emoção e corpo não são distintos e sim um contempla o outro por isso o desenvolvimento do ser humano deve ser pensado como um todo.

Após um estudo detalhado com base em abordagens aplicadas, o projeto coloca quatro competências transformadoras: empatia, trabalho em equipe, criatividade e protagonismo, essas ações buscam atender as necessidades para o enfrentamento do cotidiano do indivíduo, para que o mesmo esteja preparado para os desafios do mundo, buscando assim que o ser humano possa estar apto a sociedade, sendo crítico e atuante em sua comunidade.

O Programa Turma Legal é uma iniciativa da Organização Educativa Comunicação e Cultura fundada em 1988 no Ceará, com avaliações de experiências realizadas junto a professores e diretores, a proposta do projeto se baseia em quatro competências: empatia, cooperação, resiliência e autocuidado. O ingresso ao programa não depende de secretarias da educação, ocorrendo por adesão individual.

As habilidades ou competências sócioemocionais do programa, são propostas através de brincadeiras lúdicas que propiciam ações que desenvolvam esses sentimentos no indivíduo, afim de construir uma formação integral do ser humano.

A Associação pela Saúde Emocional de Crianças (ASEC) é uma entidade sem fins lucrativos, iniciada no ano de 2007 e beneficiando até 2016, mais de 8,5 mil pais de alunos do Ensino Fundamental. Essa iniciativa visa incentivar ações que promovam as habilidades sociais e emocionais das crianças. A ASEC é responsável pela implementação do programa de Educação Emocional Amigos do Zippy, este programa promove reuniões com a família das crianças, conduzidos por educadores das escolas que são capacitados pela própria ASEC. Esses educadores irão promover reflexões, compartilhar conceitos, promover oportunidades de experimentos lúdicos e outras atividades que os pais podem experienciar em casa com os filhos, junto a isso os pais recebem um Guia de Atividades do Amigo do Zippy em Casa, para facilitar a prática e levar para outros membros da família.

A ASEC promove também o projeto Passaporte: Habilidades para a vida, um programa que promove educação emocional para jovens a partir de 11 anos, visando ampliar o repertório de estratégias para a vida, estimular a comunicação, encorajar a cooperação, entre outros, tendo como resultado com esses jovens uma melhora significativa nas habilidades sociais, empatia, capacidade de resolver problemas e na perseverança desses.

Cada vez mais, a conscientização do desenvolvimento do ser humano na sua totalidade passa a ganhar mérito. Esses e tantos outros projetos já estão sendo colocados em prática no mundo todo, pessoas engajadas em promover ações que façam a diferença na vida das pessoas e na transformação do mundo, para que o ser humano compreenda que corpo, razão e emoção são um só, e para que ocorra o desenvolvimento completo do mesmo precisa se trabalhar mais do que conhecimento científico, precisa promover o autoconhecimento, autocuidado, empatia, cooperação, trabalho em equipe, entre tantas outras habilidades necessárias para a vida pessoal e social do indivíduo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a presente pesquisa, podemos compreender a história da empatia, seu desdobramento na vida do ser humano e o que pode se esperar quando esta é aplicada em sala de aula. Através de Galvão (2010), entende-se que a ideia de empatia é muito antiga, sendo retratada pelos gregos, perpassando pela história da Medicina e Psicologia por diversos pesquisadores.

Depois de tantos estudos e ressignificações a empatia nunca perdeu seu mérito na vida do ser humano. Hoje, com políticas educacionais sendo um item essencial a ser promovido em sala de aula, ela vem ganhando mais espaço e mais evidência, tornando-a mais compreensível a todos.

Goleman (2011) denota em seus estudos evidências sobre a empatia desde os primeiros dias de vida do ser humano, porém sendo necessário que os vínculos próximos das crianças propiciem ações empáticas para que esse possa compreender a empatia, ou essa será esquecida no seu íntimo, o tornando um adulto apático nas suas relações, como Moitoso e Casagrande (2017) também afirmam.

Lejarraga (2008) salienta que Winnicott discorria sobre a necessidade do vínculo afetivo positivo no ser humano, sendo esse o familiar, o social e o escolar. A escola tem o seu objetivo a aprendizagem do aluno e que por trás de estudos traz se a necessidade da prática empática na relação professor, aluno e aprendizado de forma satisfatória, tendo a

compreensão de que os alunos têm a singularidade e o trato com as relações de sociabilidades com estes potencializam uma formação integral, conforme Zanardo (2017) e Brolezzi (2014). No decorrer do estudo salientam-se também exemplos aplicados na atualidade que enfatizam a empatia nas relações, propiciando acesso ao conhecimento no entorno de todos os envolvidos frente ao desenvolvimento de crianças e jovens na sua totalidade.

Até o final do presente estudo e com base nos estudiosos apresentados, não resta dúvida da relevância da empatia na relação intrapessoal e interpessoal do ser humano, trazendo benefícios indiscutíveis e muito positivos para que isso ocorra satisfatoriamente. Sendo assim, o ambiente escolar é um espaço socializador que promove relacionamento, escuta e, sobretudo constrói uma ponte de confiança entre o corpo docente, a comunidade escolar, cuja clareza das relações afetuosas é imprescindível no processo de aprendizagem, não somente de crianças e jovens, mas dos adultos mediadores.

Embora o sentimento de empatia seja inerente ao ser humano ele desabrochar-se-á nas relações sociais do cotidiano, cuja base se sedimentam, através de pontes de confiança com aqueles que medeiam tais experiências. Sendo algo peculiar, ainda assim precisa da interlocução, da troca de vivência, de ambiência, na construção de pessoas mais autônomas e que reconheçam seus sentimentos e positividade, sobretudo nos espaços escolares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO PELA SAÚDE EMOCIONAL DA CRIANÇA. Disponível em: <<http://www.asecbrasil.org.br/index.php>>. Acesso em: 01out. 2020.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. MEC, 2017

BROLEZZI, A. C. **Empatia em Vygotsky**. São Paulo, 2014.

_____. Empatia na Relação aluno/professor/conhecimento. **Revista de Psicologia**. Vol. 17, Nº. 27, 2014.

BUENO, S. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. – 2. ed. São Paulo: FTD, 2007.

EMPATIA NA ESCOLA. Disponível em: <<http://empatianaescola.org.br/turma-legal/>>. Acesso em: 01 out. 2020.

ENRIQUEZ, E. O Homem do século XXI: sujeito autônomo ou indivíduo descartável. **RAE-eletrônica**, v. 5, n. 1, Art. 10, Université Paris VII, jan./jun. 2006.

ESCOLAS TRANSFORMADORAS. Disponível em: <https://escolastransformadoras.com.br/o-programa/sobre/>. Acesso em: 01 out. 2020.

FALCONE, E. A avaliação de um programa de treinamento da empatia com universitários. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 23-32, jun. 1999. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55451999000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 out. 2020.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio Júnior**: Dicionário escolar da Língua Portuguesa. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2011.

FERREIRA, M. **A gente aqui o que gosta mais é de brincar com os outros meninos**. Porto, Portugal, 2002.

FORMIGA, N. S. **Os Estudos Sobre Empatia**: Reflexões sobre um construto psicológico em diversas áreas científicas. 2012.

GALVÃO, L. K. S. **Desenvolvimento Moral e Empatia**: Medidas, correlatos e intervenções educacionais. João Pessoa, 2010.

GAZZOTTI, D. **Afetividade, Emoção e Vínculo nas Relações Escolares**: Uma perspectiva Histórico-Cultural. São Paulo, 2019.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**: A Teoria Revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

_____. **Inteligência Social**: O Poder das relações humanas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

JUSTO, A. R.; CARVALHO, J. C. N.; KRISTENSEN, C. H. Desenvolvimento da empatia em crianças: a influência dos estilos parentais. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 15, n. 2, p. 510-523, 2014.

LEJARRAGA, A. L. Os afetos em Winnicott. **Cad. Psicanál.**, CPRJ, Rio de Janeiro, ano 30, n.21, p.87-101, 2008.

MOITOSO, G. S.; CASAGRANDE, C. A. A gênese e o desenvolvimento da empatia: Fatores formativos implicados. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 209-224, jul.-dez. 2017.

PARANÁ. **Referencial Curricular Do Paraná**: Princípios, Direitos e Orientações. Curitiba: SEED, CEE, UNDIME, UNCME, 2018.

ROSENBERG, M. B. **Comunicação Não-Violenta**: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. 2. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

SAMPAIO, L. R.; CAMINO, C. P. S.; ROAZZI, A. Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 29, n. 2, p. 212-227, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000200002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 out. 2020.

ZANARDO, K. R. **Empatia e Alteridade no Processo de Ensinar e Aprender**: Um diálogo com alunos do Ensino Fundamental II de uma Escola Pública. Americana, 2017.